

LINGUAGEM E MANOBRA POLÍTICA - um forte indício oferecido pela análise de alguns processos de formação de palavras

Maria Luíza Canavarros Palma (Letras - IL - UFMT)

É curioso presenciarmos, dentro de uma sala de aula, o riso escancarado dos alunos quando invertemos a combinação de sufixos como - **ista** e - **eiro**, formando, por exemplo, **cachacista**, **lixista** e **feijãozista**, ao lado de **morfólogo**, **parlamentareiro** e **oftalmólogo**. O sentido provocado é de zombaria, como se os lugares dos sufixos já estivessem determinados. E estão? Se estão, quais os elementos determinadores?

Vamos introduzir este artigo discutindo a orientação que alunos do 1º, 2º e 3º graus vêm recebendo quanto ao tópico derivação de palavras em português. Já que as gramáticas normativas se constituem em um dos primordiais instrumentos para tal orientação, tomamos como exemplo as de CUNHA (1975), CEGALLA (1981) e LIMA (1975). Os dois primeiros autores, quando apresentam o assunto, tratam os sufixos com elementos dotados de significado que modificam a significação dos vocábulos originários. Enumeram todos os sufixos existentes na língua portuguesa, destacando as suas diferentes origens. Listam grupos de palavras prontas ou já formadas a partir dos sufixos tratados. A posição de Lima se diferencia dos primeiros autores apenas no tocante à sua concepção de sufixos, considera-os desprovidos de significação. Todas as referidas gramáticas, de modo geral:

- a) não levam em conta possíveis relações entre base (radical) e sufixos;
- b) não levam em conta a dinamicidade de alguns processos de formação de palavras;
- c) não levam em conta distinções entre formações de palavras já existentes ou prontas e a possibilidade de novas criações;
- d) não diferenciam determinados processos de formação de palavras como caracterizadores apenas de determinada variedade do português;
- e) não analisam o cunho político dos processos de formação de palavras.

Discutiremos, agora, o que vem proposto para a orientação do tópico derivação de palavras a partir da década de 70, aproximada-

mente. Pelo fato de a gramática gerativo-transformacional ter dado ênfase às formações sintáticas, deixando a morfologia 'de lado', ARONOFF (1976) constrói na área da morfologia derivacional, sob esse mesmo alicerce, a teoria lexicalista. O interesse dessa proposta está centrado na possibilidade de se preverem possíveis novas formações na língua a partir de processos já existentes, na produtividade ou não dos processos de formação de palavras.

Algumas pesquisas lingüísticas vêm sendo realizadas no Brasil dentro dessa nova abordagem, como a de BASÍLIO (1984) e a de GUILLÉN (1986). Basílio analisa a possibilidade de se criarem novas palavras no português a partir do processo de formação de palavras em **x-agem**, como **sacana/sacanagem**. Com o objetivo de focalizar o aspecto da composição semântica das bases e da relação semântica entre base e afixo, divide as formações **x-agem** em dois grupos: deverbais e denominais.

Quanto às formações deverbais dicionarizadas (ladrilhar /ladrilhagem, esmaltar/esmaltagem etc), formula uma hipótese bastante restrita, a partir da qual formações em **x-agem** só se verificariam com bases correspondendo a verbos indicadores de uma operação de um agente sobre um objeto. Essa hipótese, conforme a autora, fornece explicação para a não aceitabilidade de formas como *gostagem, *julgagem, *declaragem, *andagem etc.

Quanto às formações denominais em **x-agem**, Basílio divide-as em três sub-grupos:

- 1) o primeiro é constituído por formas cuja base nominal caracteriza indivíduos por suas qualidades negativas e designam um ato próprio da vida de tais indivíduos, como em **malandro / malandragem**;
 - 2) o segundo é constituído por formas cuja base corresponde a um agente ou elemento relacionado a uma atividade específica e que designam genericamente tal atividade, como em **enfermeiro / enfermagem**;
 - 3) o terceiro sub-grupo é constituído por formas cuja base é um nome concreto, indicando um objeto, e a forma corresponde a uma ação envolvendo esse objeto, como **em moeda / moedagem**.
- GUILLÉN (1986) analisa a produtividade do sufixo **-izar** em formações deverbais, concluindo que a interpretação semântica desse sufixo, em bases nominais, está em geral relacionada diretamente com as características morfo-semânticas das bases. A produtividade de tal processo se revelou bastante expressiva, afirma a autora, quando a base é adjetiva, como em **racional/ racionalizar**,

mediocre/mediocrizar, por exemplo.

Por esse sucinto relato podemos perceber que as duas autoras citadas, trabalhando sob a hipótese lexicalista:

1) procuram estabelecer uma distinção entre palavras já formadas e a possibilidade de novas formações no português e

2) procuram realçar que a escolha dos sufixos e bases para os processos de formação de novas palavras não é aleatória e que o impedimento ou bloqueio de determinadas formações é, principalmente, de origem semântica.

Entretanto, quando as autoras citadas afirmam que os processos de formações de palavras em análise são muito produtivos na língua portuguesa deixam de considerar um aspecto importante que é a concepção de língua como um conjunto de variedades lingüísticas. Assim, os resultados obtidos pelas autoras devem ser vistos como representativos somente de uma das variedades do português, a culta.

Os ainda poucos trabalhos que vêm sendo realizados no Brasil, apoiados na proposta lexicalista, evidenciam um avanço em relação às propostas feitas pelas gramáticas normativas, visto já levarem em conta a relação entre bases e sufixos, ou seja, a dinamicidade dos processos de formação de palavras e a possibilidade de se preverem novas formações na variedade culta do português. Entretanto, os itens d) e e), citados acima como ainda não trabalhados pelas gramáticas normativas, também não são levados em conta pela proposta lexicalista, visto as autoras citadas oferecerem, nos seus trabalhos, fortes pistas de que não se libertaram da concepção de linguagem como algo unitário, indiviso, cristalizado.

Nossa compreensão de língua como um conjunto de variedades levou-nos à análise de possíveis implicações que determinam ou impedem a aceitabilidade e/ou produtividade de alguns processos de formação de palavras numa variedade lingüística popular do português, a falada em Cuiabá, Mato Grosso.

VARIEDADE POPULAR E PRODUTIVIDADE LINGÜÍSTICA

1. Formações Agentivas

Formações agentivas em **x-dor**, **x-eiro** e **x-ista** e formações verbais em **x-izar** constituem-se em objeto desta análise, que leva em conta a variedade popular do português falado em Cuiabá, Mato Grosso. Parte dos dados numéricos registrados em PALMA (1988) serão aqui expostos. Inicialmente, vinte cuiabanos foram entrevistados, cuiabanos esses pertencentes à classe sócio-econômica baixa, cujas profissões comprovam o critério adotado. Testes formalizados foram feitos e aplicados. Na etapa final da pesquisa, apenas a cinco informantes se tornou possível responder às solicitações e registros formais e numéricos. Assim, os resultados apresentados em termos numéricos levaram em conta os dados oriundos apenas desses cinco informantes, mas a análise global do nosso trabalho procura levar em conta todo o convívio com os vinte informantes durante os meses da pesquisa.

A proposta de LABOV (1972), denominada por ele mesmo de **método quantitativo**, foi aqui trabalhada. As características dos cinco informantes finais estão assim organizadas.

Informantes	1 (A.C.C.)	2 (M.G.)	3 (S.M.C.)	4 (M.L.)	5 (B.C.)
Idade	15	16	20	47	49
Profissão	faxineiro	doméstica	doméstica	pedreiro	continuo
Nível de Escolaridade	1º Grau 3ª Série	1º Grau 3ª Série	1º Grau 8ª Série	1º Grau 5ª Série	1º Grau 2ª Série
Sexo	M	F	F	M	F

Tabela 1 - Tabela demonstrativa das características dos informantes analisados

Assentados inicialmente na proposta lexicalista e levando em conta os trabalhos de Basílio e Guillén, partimos da hipótese de que fatores de ordem estrutural e semântica determinam não só a aceitação, mas também a possibilidade de se preverem novas formações nesta variedade popular do português. Os resultados expressos em termos percentuais são apresentados de modo condensado ou mais simplificado, devido às próprias características apresentadas pela revista na qual este artigo se insere. Realizamos vários testes para o registro de índices de aceitação dos processos de formação de palavras citados, utilizando tanto formas já existentes, quanto formas forjadas ou possíveis de existência. É importante realçar que a produtividade deste ou daquele processo decorre do nível de aceitação ou reconhecimento do processo todo, evidentemente.

Se compararmos o nível de aceitação de processos de forma-

ção de agentivos em **x-dor** e **x-eiro** pelos informantes, verificamos que, quando as bases previstas são verbais, a tendência recai na escolha de agentivos em **x-dor**, quando as bases previstas são nominais recai em **x-eiro**, o que evidencia uma tendência já explicitada por algumas gramáticas normativas.

Ao afirmarmos que formações agentivas em **x-dor** mostram-se com um elevado índice de aceitação e conseqüentemente de produtividade, devemos sublinhar que tal processo se mostra com chance de produtividade quando as bases se caracterizam por expressarem experiências quotidianas; bases não técnicas, digamos. Testamos possível aceitação de formas como **esterilizador**, **enclausurador**, **arborizador** e **decapitador**. Nenhum dos informantes reconheceu inteiramente tais formações. Já formas forjadas, mas com bases não técnicas, foram imediatamente aceitas, como **mentidor**, **vermelhador** e **azulador**. Formações em **x-eiro** também se mostraram com um elevado índice de aceitação, já que as bases requeridas, para novas formações, são de ordem não técnica, o que evidencia uma tendência à produtividade nessa variedade lingüística.

Quando apresentamos aos informantes, num único teste, formações agentivas em **x-dor**, **x-eiro** e **x-ista**, verificamos que esta última tendia a não ser aceita. Mas uma objeção poderia ser levantada pelo fato de as bases previstas já apresentarem formas prontas ou vigentes em **x-dor** e **x-eiro**, o que impediria formações em **x-ista**, evidentemente. Para a base proposta **cachaça**, por exemplo, já existe **cachaceiro**, o que impediria a formação de **cachacista**. Oferecemos, entretanto, possibilidades de aceitação do processo a partir de bases do quotidiano como **legume** e **feijão** e os informantes formaram **legumeiro** e **feijãozeiro**. Organizamos outros testes, com o intuito de verificar possível aceitação de formações em **x-eiro** e **x-ista**, somente a partir de bases que participam do quotidiano da vida daqueles informantes, como **arroz**, **bicicleta**, **mandioca**, **panela**, **montanha**, **cebola**, **vidro**, **bolsa**, **janela**. Uma maior aceitação de formas com o sufixo - **eiro** continuou a apresentar um bem elevado índice de possibilidade de ocorrência. Bases não técnicas indicam serem as mais propícias a novas formações agentivas em **x-eiro** e **x-dor** nessa variedade popular, apesar de es-ses informantes reconhecerem formas já prontas com **motorista**, **tratorista**, etc. Este é um exemplo bastante ilustrativo da distinção entre aceitação de formas prontas e possibilidade de novas formações.

Organizamos novos testes, incluindo bases técnicas para possíveis aceitação e produtividade de agentivos em **x-ista**, já que se

mostraram estes com baixíssimo nível de aceitação ou reconhecimento a partir de bases do quotidiano. Embora já tivéssemos percebido que bases técnicas incluídas na formação de agentivos em **x-ista** não seriam reconhecidas pelos informantes, tornava-se necessário **comprovar** tal percepção a partir de resultados objetivos e mensuráveis. E comprovamos...

Formações em **x-ista**, como **parlamentarista**, **oftalmologista** e **dermatologista** não puderam ser aceitas, porque os informantes não apresentavam conhecimentos relativos à **parlamentarismo**, **oftalmologia** e **dermatologia**, conhecimentos esses adquiridos a partir de um ensino formal ou até científico, institucionalizado portanto. E se tais relações expressas por essas bases não puderam ser reconhecidas, a possibilidade de novas formações se torna impossível ou improdutiva nessa variedade do português. O trabalho realizado por MIRANDA (1979) concluiu pela enorme produtividade de tal processo, mas devemos esclarecer que esses resultados devem restringir-se a uma das variedades cultas do português, a do Rio de Janeiro. Formações cujos significados foram caracterizados por "partidário de x" (parlamentarista) e "especialista em x" (oftalmologista) não foram reconhecidos pelos informantes, não havendo, portanto, chance de produtividade.

Formações como **neurologista**, **patologista**, **psicanalista**, **ginecologista** etc foram compreendidas, só parcialmente, pelos informantes (exceto o 1°), como **médicos**. Parece-nos que a noção de agentividade expressa pelo sufixo **-ista** foi reconhecida com o significado "tipo de médico", mas a base não. O informante 1° apresenta uma experiência de vida bastante particularizada, também, mantém relações freqüentes com a zona rural de origem, suas crenças estão fundadas na cura por meio de raízes e faz questão de afirmar tudo isto. Aqui temos um exemplo da estreita relação entre organização do léxico e experiência de vida. Também verificamos que tais observações não seriam possíveis se tivéssemos levado em conta resultados de pesquisas em termos estritamente numéricos ou objetivos.

Quando ao informante 1° são solicitadas formações como **ensaísta**, **dermatologista** e **tenista**, recorre ele, numa sagacidade extraordinária, a bases mais próximas à sua experiência quotidiana e responde: "**ensaísta** é quem faz **saia**?". "**dermatologista** é quem **mata**?" e "**tenista** é quem faz **tênis**?". Extraíu esse informante uma possível combinação ou regra sistemática entre possível base (conhecida) e o sufixo **-ista**, já que vinha percebendo, em testes anteriores, que **sapateiro** é aquele que faz **sapato**, **tratorista** é aquele que trata

ou dirige **trator**, assim **dermatologista** é aquele que **mata!**

Agrupados os resultados de todos os testes em **x-dor**, **x-eiro** e **x-ista**, podemos verificar de modo mais elucidativo os índices de aceitação de tais processos e suas possíveis tendências à produtividade.

Informantes		1	2	3	4	5	Média Global
Testes	Sufixos	Aceitação / Solicitação - %					
	- dor	82/107=77%	79/107=74%	78/107=73%	81/107=76%	77/107=72%	74,4%
A	- eiro	41/61=67%	38/61=62%	41/61=67%	44/61=72%	44/61=72%	68,0%
	- ista	7/85=8%	12/85=14%	20/85=24%	13/85=15%	11/85=13%	14,8%

Tabela 2 - Resultados gerais simplificados dos testes de reconhecimento/aceitação de formações agentivas.

Analisando o total de reconhecimento ou aceitação expresso na tabela 2, verificamos que formações em **x-dor** foram aceitas em índice elevado por todos os informantes; índice este que variou entre 72% e 77%, dependendo do informante considerado. Formações em **x-eiro** também foram aceitas num índice elevado por todos os informantes, índice que se situa entre 62% e 72%.

Formações em **x-ista** mostraram-se pouco aceitas ou pouco reconhecidas por aquele grupo de informantes. O índice alcançado foi de 8% a 24%. O percentual mais elevado, 24%, foi oferecido pelo informante 3°, cujo comportamento foi diverso do quatro outros. Por apresentar um nível de escolaridade mais elevado, é plausível a hipótese de que o **nível de escolaridade** se constitui num dos fatores determinantes para um possível reconhecimento/aceitação do processo de formação de agentivos em **x-ista** e, conseqüentemente, para a sua produtividade. Entretanto, o número de informantes com o qual trabalhamos é muito reduzido, o que permite apenas levantar hipóteses a respeito de um possível fator determinante - o nível de escolaridade.

Um outro indício, oferecido pelos resultados gerais expressos na tabela 2, diz respeito a uma possível influência do fator **contato** entre diferentes grupos de pessoas no processo de aceitação de determinados processos de formação de palavras, como em **x-ista**. O índice de aceitação de formações em **x-ista**, oferecido pelo informante 1°, foi o mais baixo, 8%. Poderia ser este percentual explicado pelo fato de o informante 1° estabelecer contatos estreitos com seus familiares residentes em zona rural, como já afirmamos anteriormente.

A partir dos resultados oferecidos pelos diferentes testes, sintetizados na tabela 2, verificamos uma tendência a:

1- formações em **x-dor** apresentarem elevado índice de reconhecimento - aceitação por grupos de pessoas representativas da variedade popular do português (média global: 74,4%), o que possibilita a interpretação de que seja este processo **produtivo** no léxico popular;

2- formações em **x-eiro** apresentarem significativo percentual de reconhecimento ou aceitação pelo grupo analisado (média global: 68%), possibilitando também a interpretação de que tal processo seja **produtivo** no léxico popular;

3- formações em **x-ista** apresentarem baixo índice de reconhecimento ou aceitação pelo grupo analisado (média global: 14,8%) o que possibilita a interpretação de que este processo seja **improdutivo** no léxico popular. O nível de reconhecimento oferecido limita-se a palavras prontas; limita-se a uma baixa aplicação de regras de análise estrutural, não atingindo, portanto, o nível de possível produtividade;

4- formações em **x-dor**, **x-eiro** e **x-ista** não poderem ser consideradas formas variantes de expressão de agentividade, pelo fato de apresentarem todas elas especificidades decorrentes das características de suas respectivas bases:

4.1) formações em **x-dor** requererem, na maioria das vezes, a condição morfológica de serem suas bases verbais, enquanto formações em **x-eiro** e **x-ista** requererem, na maioria das vezes, a condição de serem elas nominais;

e
4.2) formações em **x-eiro** não serem equivalentes a formações em **x-ista**. Agentivos novos, como **urologista**, **gastroenterologista**, **cancerologista** etc., têm bases que satisfazem as condições necessárias para que **novas** formações se dêem. Como falantes da variedade popular não têm acesso a esse tipo de conhecimento, não poderão aplicar a regra de análise estrutural, muito menos a regra de formação de palavras;

5- formações em **x-ista**, enfatizamos, poderem ser reconhecidas pelos informantes quando são formas já **prontas** (já constituídas) e de uso freqüente naquela variedade, apresentando bases não-técnicas. Os indícios apontam para a inexistência de produtividade neste processo no léxico popular;

6- formações em **x-eiro** serem produtivas a partir de bases que se caracterizem como não técnicas;

7- formações em **x-eiro** e **x-ista** não se diferenciarem apenas a nível de formalidade do discurso. Os testes organizados para a coleta de dados foram considerados **formais** e formações em **x-ista** não ocorreram. Mesmo que organizássemos novos testes, ainda mais formais, acreditamos que tal processo não apresentaria condições de ocorrência, uma vez que os dados já analisados revelam que é necessário o domínio de um tipo de conhecimento, **técnico**, para o reconhecimento/aceitação e, conseqüentemente, também para a produção de novas formas em **-ista**. Falantes da variedade popular do português, em análise, não têm acesso a esse tipo de conhecimento. Assim, o fator que determina a produtividade em **-ista** se situa além da relação formal/informal de um contexto. Ele constitui um reflexo da organização social e contribui para reforçá-la. Formações em **x-eiro** devem expressar um tipo de conhecimento que é do domínio de um grupo de pessoas, enquanto formações em **x-ista** devem expressar outro tipo de conhecimento, que é do domínio de outro grupo de pessoas.

Processos de formações de palavras no português podem ser produtivos num determinado léxico e improdutivo em outro, o que reforça a diferença já estabelecida socialmente entre o grupo culto e o grupo popular.

Pretendemos realçar que o domínio ou não de um conhecimento **técnico** para a aceitação e possível produtividade do processo em **x-ista**, por exemplo, incide não apenas numa questão semântica da base, devemos levar em conta um contexto mais amplo, necessário a essa interpretação. Dizer **oftalmologista** não é a mesma coisa que dizer **médico de olho**, socialmente interpretando. Considerando o significado social que envolve tais expressões, temos de afirmar que elas não se equivalem. Verificamos, portanto, dois tipos de elementos determinadores da produtividade do processo em **x-ista**: a base deve ser **técnica**, científica ou erudita e deve ser marcada socialmente em termos de prestígio elevado.

2. Formações Verbais

Os primeiros contatos estabelecidos com os vinte informantes conduziram-nos a muitas reflexões. Este grupo de falantes emite frases nas quais construções verbais em **x-izar** não ocorrem. Assim,

expressões como “a criança está **na agonia**” e “o prefeito precisa **por árvore na praça**” são as eleitas pelos informantes, ao invés de **agonizar** e **arborizar**. Ocorrências como essas nos levaram a propor uma análise da possibilidade de falantes da variedade popular do português em estudo reconhecerem/aceitarem formações em **x-izar** a ponto de tal processo se apresentar produtivo ou não.

Nosso objetivo foi testar itens dicionarizados, itens não dicionarizados e itens forjados, possíveis de serem aceitos. Organizamos testes que nos oferecessem pistas para tal análise. Os resultados dos três testes vêm expressos na tabela abaixo.

Informantes		1°	2°	3°	4°	5°
Testes	Sufixos	Aceitação / Solicitação - %				
1,B	-izar	5/30=17%	4/30=13%	9/30=30%	5/30=17%	6/30=20%
	outros	8/30=27%	8/39=27%	14/30=47%	15/30=50%	18/30=60%
	branco-não	17/30=56%	18/30=60%	7/30=23%	10/30=33%	6/30=20%
2,B	-izar	1/15=7%	0/15=0%	1/15=7%	1/15=7%	1/15=7%
	outros	2/15=13%	6/15=40%	6/15=40%	4/15=27%	8/15=53%
	branco-não	12/15=80%	9/15=60%	8/15=53%	10/15=66%	6/15=40%
3,B	-izar	1/13=8%	1/13=8%	1/13=8%	1/13=8%	0/13=0%
	outros	10/13=77%	10/13=77%	11/13=84%	12/13=92%	13/13=100%
	branco-não	2/13=15%	2/13=15%	1/13=8%	0/13=0%	0/13=0%

Tabela 3 - Resultados parciais representativos do reconhecimento-aceitação de formações verbais em **x-izar**.

O teste 1,B, está constituído por trinta formações, todas já dicionarizadas, como **arborizar**, **burocratizar**; o teste 2,B, por quinze formações não dicionarizadas, mas já bastante ouvidas, como **energizar**, **ideologizar**, **desdolarizar**. O teste 3,B, está constituído, em sua maioria, por formações forjadas, hipotéticas, como **idiotizar**, **cuibanizar**, **pedintizar**, **pingucizar** etc.

O índice de reconhecimento, apresentado pelos informantes no teste 1,B, variou de 13% a 30%. O percentual de reconhecimento correspondente a 30% só foi apresentado pelo informante 3°, com o maior nível de escolaridade. Os demais não ultrapassam o percentual de 20%. Respostas oferecidas sob a forma de **outros** devem ser analisadas mais detidamente. Apesar de considerarmos baixo o nível de reconhecimento apresentado no teste 1,B (com exceção dos resultados apresentados pelo informante 3°) verificamos que, principalmente os informantes 3°, 4° e 5°, apresentam um certo conhecimento das bases com as quais o sufixo **-izar** se une, embora não reconheçam o significado do sufixo **-izar**. De formações como **aclimatizar**, **africanizar**, **comercializar**, **cristianizar**, **militarizar**, por exemplo, as bases primárias **clima**, **África**, **comércio**,

Cristo e **militar**, foram identificadas. Estas respostas estão expressas em **outros** variando de 27% a 60%. O percentual encontrado varia em relação direta com o crescimento da faixa etária dos informantes: quanto mais velhos, maior índice de aceitação de formações com outros sufixos. O resultado indicador de maior índice de desconhecimento é expresso pelos informantes 1° e 2°, de 17% e 13%, na coluna **branco-não**.

Ainda no teste 1,B, registramos um comportamento diferente do informante 3° (com um mais elevado nível de escolaridade), se comparado ao dos outros informantes. Seu reconhecimento das formações solicitadas é de 30%, o que nos oferece, mais uma vez, indícios de que o nível de escolaridade pode se constituir num fator influente no processo de reconhecimento de formações verbais em **x-izar**.

Com relação ao teste 2,B, verificamos um percentual de reconhecimento inferior ao apresentado no teste 1,B. Os informantes 1°, 3°, 4° e 5° evidenciaram um comportamento bastante uniforme, apresentado sob o percentual de 7%, o informante 2° não reconheceu tais formações. A linha representada por **branco-não**, teste 2,B, indicadora do percentual de desconhecimento de tal processo, expressa um resultado que se situa entre 40% a 80%, significativo portanto, se comparado à linha **branco-não** constante do teste 1,B. Essa linha, no teste 2,B, mostra-nos que nem mesmo as bases constantes desse teste foram reconhecidas pelos informantes, como ocorreu no teste anterior (1,B).

Duas possíveis interpretações podem a princípio ser oferecidas na tentativa de explicar porque o percentual de reconhecimento das bases (expressa linha **branco-não**, teste 2,B) apresentou-se mais elevado que o expresso no teste 1,B.

1ª) O fato de as bases apresentadas no teste 2,B, não serem ainda dicionarizadas indicaria que os informantes as reconhecem em mais baixo índice que as bases dicionarizadas, apresentadas no teste 1,B.

Esta primeira interpretação não se sustenta, quando formações do teste 1 e 2,B, são comparadas. Bases como **anarquia** (de anarquizar), **batismo** (de batizar) e **comércio** (e não comercial, de comercializar), teste 1,B, foram reconhecidas não apenas porque estão dicionarizadas, mas porque se referem a experiências do cotidiano. Bases como **contexto** (ou contextual, de contextualizar), **calvino** (de calvinizar), **ideologia** (de ideologizar), **neurótico** (de neurotizar) etc., se caracterizam por serem técnicas.

2ª) Se processos de formações novas em **x-izar** vêm apre-

sentando uma forte tendência a serem produtivos na **variedade culta do português** (pragmatizar, textualizar) a partir de bases técnicas, altamente escolarizadas, o índice de reconhecimento / aceitação desse processo tende a ser mesmo baixo quando analisamos informantes da variedade popular em estudo.

Procuramos elaborar o teste 3,B, do qual constassem itens lexicais hipotéticos ou forjados, com bases não técnicas. O percentual de aceitação continuou baixo e bastante uniforme, correspondendo a 8%, à exceção do informante 5°. Resultados expressos sob a forma de **outros** apresentam um percentual elevado, situado entre 77% e 100%. Este percentual obtido pode ser interpretado como uma tendência apresentada pelos informantes para substituírem o processo de formação verbal em **x-izar**:

- utilizando o processo mais comum de formação verbal em **x-ar**, como **cuiabandar** (cp. cuiabanizar), **burrear** (cp. burricizar), **bestear** (cp. bestializar), **poconear** (cp. poconeizar), **lobisomar** (cp. lobisomizar),
- utilizando para sua expressão uma idéia analítica, como **pôr árvore** (vs. arborizar), **fazer economia** (vs. economizar), **ficar tranqüilo** (vs. tranqüilizar).

A partir da análise dos resultados de cada teste do grupo B, acreditamos ser necessária uma visão global dos resultados de todos os testes deste grupo, a fim de buscarmos possibilidades de tendências mais gerais em relação a este processo. Tais resultados vêm expressos a seguir:

Informantes		1	2	3	4	5	Média Global
Testes	Sufixos	Aceitação / Solicitação - %					
B	izar	7/58-12%	5/58-9%	11/58-19%	7/58-12%	7/58-12%	12,8%
	outros	20/58-34%	24/58-41%	26/58-45%	31/58-54%	39/58-67%	48,2%
	branco não	31/58-54%	29/58-50%	21/58-36%	20/58-34%	12/58-21%	39,0%

Tabela 4 - Resultado geral dos testes de reconhecimento-aceitação de formações verbais em **x-izar**

O percentual de aceitação evidenciado por meio da tabela 4, e que se situa entre 9% e 19%, indica ser baixa a possibilidade de reconhecimento deste processo pelos informantes. Resultados expressos em **outros** e **branco-não** se complementam, demonstrando que, além de estes informantes desconhecem o

processo em análise, apresentam um conhecimento que pode ser assim resumido:

a) mesmo reconhecendo bases que refletem suas experiências quotidianas, não reconhecem integralmente o processo de formação verbal em **x-izar**;

b) utilizam outras formas de expressão como a de formações verbais em **x-ar** e a de **formações analíticas** como expressão de suas idéias.

Observamos que o informante 3°, representativo do mais alto nível de escolaridade, apresentou uma tendência mais alta no sentido de reconhecer formações verbais em **x-izar**, comportamento esse já evidenciado quando da análise de agentivos em **x-ista**.

Podemos verificar, por meio do resultado geral, condensado, e expresso na tabela 4, que os informantes demonstram um índice baixo de reconhecimento-aceitação de formações verbais em **x-izar**, o que nos oferece indícios para a conclusão de que tal processo é **improdutivo** na variedade popular do português em análise, conclusão esta oposta à oferecida por Guillén quando tratou de formações verbais em **x-izar** no que podemos designar variedade culta do português.

AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DOS RESULTADOS OBTIDOS

Vamos apresentar os resultados gerais dos processos discutidos, no decorrer deste trabalho, sob a forma de gráfico, visto podermos visualizar a freqüência de cada um deles e as possibilidades de novas formações.

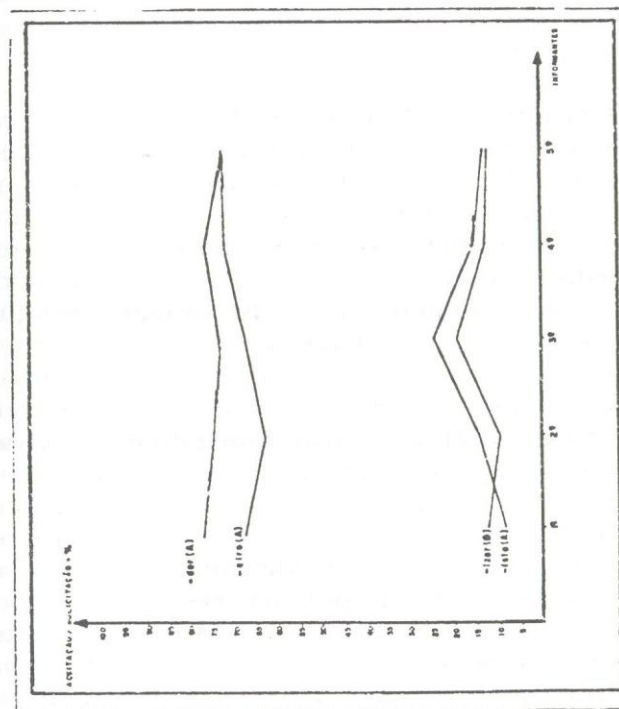


Gráfico 1 - Resultados gerais representativos dos processos de formação de palavras analisados

O elevado percentual de reconhecimento/aceitação de formações agentivas em **x-dor** e **x-eiro** é nitidamente percebido por meio do gráfico acima, assim como o baixo percentual de formações agentivas em **x-ista** e de formações verbais em **x-izar**. Se interpretarmos esses resultados em termos de **produtividade** ou seja, em termos da possibilidade de novas formações no léxico de falantes da variedade popular do português da cidade de Cuiabá, concluiremos

que novas formações em **x-dor** e **x-eiro**, a partir de bases não técnicas, são previstas em larga escala. Entretanto, os processos de formação de agentivos em **x-ista** e de formações verbais em **x-izar** revelam grande tendência à **improdutividade**

Formações novas em **x-dor** e **x-eiro** mostram-se muito produtivas na variedade popular em estudo e podemos concluir que também o são na variedade culta, por exemplo. Assim, a produtividade destes processos não é privilégio de falantes da variedade popular. Contrariamente, formações novas em **x-ista** pertencem a um grupo particular, que detém esse saber institucionalizado e detém, por conseguinte, esse poder saber institucionalizado.

Essa privatização do processo de formações agentivas em **x-ista** também ocorre com o processo de formações verbais em **x-izar**. Apenas grupos de falantes da variedade culta do português que participam desse saber institucionalizado podem compreender a cultura divulgada pelas instituições nacionais representativas de nossa sociedade. Mesmo formações hipotéticas a partir de bases não técnicas, como **cuiabanizar**, **lobisomizar**, **pingucizar** etc., trazendo o sentido de **tornar x** não são reconhecidas pelos informantes. E estes informantes expressam o sentido de **tornar x** por meio de outros recursos lingüísticos, como por meio da expressão **virar cuiabano**, **virar lobisomem** ou **virar pinguça**. Este recurso alternativo é muito usado e muito adequado também.

Retomando um aspecto já levantado anteriormente, a respeito do significado técnico das bases dos sufixos, ou do processo inteiro, dizemos, por exemplo, que **arborizar** não apresenta o mesmo significado sócio-cultural de **pôr árvores**. Sabemos perfeitamente que dizer uma ou outra das alternativas provoca diferentes efeitos de sentido. Uma análise que não leve em conta a influência de fatores sócio-culturais na determinação de tais significados sociais não consegue refletir a realidade dos fatos referentes ao uso da língua. Não consegue explicar a possibilidade de determinadas formações, como a de agentivos **x-eiro** e **x-ista**, se colocarem em lugares invertidos, contrariando a ordem social já estabelecida, como chamar um professor de morfologia (ou morfólogo) de **morfólogo** e um lixeiro de **lixista**. E essa inversão provoca sim novos efeitos de sentido, porque os lugares dos sufixos já vêm determinados por fatores sócio-culturais, como os outros lugares sociais ocupados por diferentes grupos de pessoas na nossa sociedade. Todo e qualquer deslocamento desses lugares provocará diferentes efeitos de sentido, como os alunos demonstram pela

gargalhada em sala de aula. Um estudo eminentemente descritivo de fatos lingüísticos não leva em conta, ou mesmo, perde essas outras possibilidades de interpretação.

É bastante significativa a afirmação feita, no decorrer de todo o trabalho de PALMA (1988), de que processos de formações agentivas em **x-ista** e **x-izar** mostram uma forte tendência à **improdutividade** na variedade popular em estudo. Ora, improdutivo é aquele que não produz. Fica embutida a idéia de **invalidez**, de **parasita**. E isso cheira a deficit. O cuidado de não realizar um trabalho eminentemente descritivo (como foi exigido na época) deve-se ter. Descrição de dados pode e deve ser vista como parte interessante e importante de um trabalho lingüístico, por exemplo. Mas não pode tal trabalho se deter apenas nas interpretações numéricas e objetivas pois tenderá à esterilidade. Caracterizar de **improdutivos** os processos de formação de novas palavras na variedade popular é transferir automaticamente a caracterização de **improdutivos** para os próprios representantes dessa variedade popular. E essa transferência é prática, bastante usual, sabemos.

E uma pergunta, agora, é oportuna. Numa instituição de ensino, por exemplo, qual o papel social dos processos em análise? A resposta está próxima. Todo o conhecimento científico, que se caracteriza como **verdadeiro**, organiza em muito maior escala a partir de formações em **x-ista**, com o sentido de **partidário de x** (absolutista, quercista, etc) e **especialista em x** (cancerologista, endocrinologista etc), do que a partir de formações em **x-eiro**, visto este último processo se prestar a formações de novas palavras usadas no dia a dia (feijãozeiro, boateiro, limãozeiro). E a ciência reforça essa distribuição de papéis...

Também, enquanto novas formações verbais em **x-izar** tendem a não ocorrer na variedade popular, na variedade culta do português tendem a ocorrer em largas proporções. E as instituições de ensino apresentam desde muito cedo os primeiros degraus às diferentes crianças que para lá vão. **Especialistas** não podem ser **especialeiros**, **morfologistas**, não podem ser **morfólogos** e **oftalmologistas**, não podem ser **olheiros**; a não ser com o sentido de zombaria o que lá não é muito divulgado pelo professor...

Os lugares dos sufixos, em relação aos tipos de bases com as quais se combinam, estão sim determinados. Assim como os nossos papéis, como membros de nossa sociedade, também estão determinados, previstos. E o desencadear deste nosso raciocínio é perfeitamente plausível, já que processos de formação de palavras ou

linguagem se situam numa organização social determinada ou melhor, são elementos constitutivos dela. Estão todos esses papéis determinados não só por fatores estruturais ou semânticos, mas por valores sócio-políticos, históricos e ideológicos.

Durante grande parte de nossas discussões, aqui, descrevemos aspectos de linguagem, aspectos formais de linguagem. Essa tem sido uma espécie de tradição dos trabalhos de cunho acadêmico. E esse comportamento nos leva a considerar a distinção estabelecida por ORLANDI (1988) entre língua imaginária e língua fluida. Essa distinção pode ser entendida em termos da relação entre EUROPA e América, entre BRANCO e índio, e pode ser entendida, como aqui o foi, em termos da relação entre variedade CULTA variedade popular, entre BRASIL e brasil. São tais relações constitutivas e oriundas de processos históricos diferentes, em tempo e lugares muito diferentes, mas norteados por uma política superior, a da MESMidade.

E é exatamente a concepção de língua imaginária que norteia os trabalhos de cunho acadêmico (numa maioria), que norteia a visão descritivista de linguagem, sujeita a sistematizações, sujeita a imobilizações e mais cristalizações. E só. É a própria concepção de língua imaginária que encaminha o nosso olhar para um enquadramento do outro, para o negar do outro ou mesmo para pôr o **deficit** no outro.

Testar os informantes da variedade popular, oferecendo-lhes bases técnicas (ou científicas) a fim de se verificar possível aceitação dos processos em estudo, chega a provocar situações constrangedoras. Enumerar itens para reconhecimento, como **oftalmologista, endocrinologista, absolutista** etc, por exemplo, funciona como uma espécie de **violência** exercida sobre os informantes. Já sabíamos, de antemão, que tais itens lexicais não poderiam ser reconhecidos por aqueles informantes, mas precisávamos testar essa nossa só **hipótese**, precisávamos verificar **objetivamente** tais possibilidades de reconhecimento, precisávamos apresentar resultados dignos de **um trabalho científico**. Precisávamos tornar a língua fluida numa língua imaginária, discuti-la a partir de critérios estabelecidos para uma língua imaginária. Perguntar a informantes dessa variedade popular o significado de **gastroenterologista** ou **otorrinolaringologista** é a mesma coisa que xingar a mãe deles!

Tal procedimento científico pode ser compreendido como um exemplo de **violência simbólica**, como tantas outras praticadas por ações pedagógicas, institucionalizadas. O funcionamento dos

processos de formação de palavras, como não poderia deixar de ser, voltamos a enfatizar, se dá dentro de uma ordem político-social que rege uma sociedade maior. E esse próprio funcionamento de língua, essa constituição dos léxicos do português, é responsável pela própria constituição dos sentidos de **identidade** de um povo, dos sentidos de **cidadania**. E como falantes de uma variedade popular do português, falado em Mato Grosso, se vêem como falantes do português?

Um pequeno exemplo basta para responder a essa interrogação. Durante a realização das primeiras entrevistas, os informantes, em muitos momentos, diziam que eles não eram as melhores pessoas para responderem àquelas questões colocadas, que eles andavam meio lerdos, mas que o irmão mais velho ou uma determinada prima, esses sim, são ótimos, mais sabidos, inteligentes e estudados. **Desta forma** eles se sentem como cidadãos brasileiros falantes do português idealizado, imaginário.

Esses informantes vêem sim essa diferença entre língua imaginária (o português) e a língua fluida (seu português) e concebem essa diferença como um fato natural, decorrente de sua não participação num sistema de ensino mais elevado, contínuo. Concebem essa diferença como decorrente de sua própria **burrice!** E esses informantes, assim, também vêem o lugar social que ocupa a sua língua fluida, o **seu** português. Toda essa sua história, toda essa sua experiência do dia a dia, todas essas suas formações imaginárias são constitutivas de sua cidadania. E vão construindo a sua própria identidade, como cidadãos brasileiros, portadores de um discurso incompetente. E as instituições reforçam contínua e permanentemente essa incompetência através de meios diferentes e sutis, **quase** imperceptíveis como os processos de formação de palavras analisados.

Uma observação final deve ser feita, retomando alguns aspectos do trabalho discutido. Utilizamos, aqui, tanto subsídios teóricos de uma proposta lexicalista (assentados na teoria gerativo-transformacional), quanto subsídios metodológicos da proposta sociolinguística (laboviana) e ainda subsídios teóricos de uma proposta na área da análise do discurso. Como pode um trabalho coeso levar em conta tantas teorias diferentes e mais, teorias essas que se opõem em seus princípios básicos?

Primeiro, entendemos que a proposta lexicalista já se havia divorciado da teoria gerativo-transformacional quando Aronoff propõe léxicos diferentes para diferentes grupos de pessoas. Estava rompido o princípio básico de língua homogênea, embora Aronoff

nunca tenha sustentado isso. Rompido esse princípio, precisávamos de um método sociolingüístico que nos ajudasse a analisar diferentes léxicos, conseqüentemente diferentes variedades lingüísticas. O mito do falante - ouvinte - ideal foi derrubado em decorrência de tais posições.

A análise do discurso vêm-se firmando como um ponto de vista, uma ótica sociológica, detentora de raios laser que nos levam a ver o invisível, o invisível como o diverso, como o outro e como parte do mesmo, diferenciado e não hierarquizado. Numa visão permanentemente crítica. E só sob essa ótica foi-nos possível retomar parte dos dados fundamentais do trabalho de PALMA (1988) e lê-lo novamente, agora em outras condições de produção ou numa outra situação histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. MIT Press, Cambridge, Mass., 1976.
- BASÍLIO, M. "Relevância do fator semântico na descrição de processos de formação de palavras: um estudo das formas em x-agem em português". In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Lingüística**, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 1984.
- GUILLÉN, V. A. **Verbos em -izar: uma estudo da produtividade lexical**. Dissertação de Mestrado, PUC - Rio, Rio de Janeiro, 1986.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**, Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1972.
- MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical no português**. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.
- ORLANDI, E. P. e SOUZA, T.C.C. "A Língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem". In: **Política lingüística**, Pontes, São Paulo, 1988.
- PALMA, M. L. Canavarros. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico**. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC - Rio, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. **A constituição do léxico e sua relação com a produtividade: estudo de uma variedade popular do português**. Tese de doutoramento apresentada à PUC - Rio, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. "Possíveis leituras de um texto ou às margens do que foi lido". In: **Leitura: Teoria & Prática**, Revista da Associação de Leitura do Brasil, n° 06, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.